



## DOCÊNCIA EM FORMAÇÃO: AS EXPERIÊNCIAS DE VIDA COMO ELEMENTO FORMATIVO NA LICENCIATURA EM ARTES

### TEACHING IN TRAINING: LIFE EXPERIENCES FORMATIVE ELEMENT IN ARTS GRADUATION

#### RESUMO

O presente artigo reúne discussões a partir de análises bibliográficas acerca do processo de formação de docentes na área de Artes, considerando as experiências de vida no espaço formativo como mecanismos de aprendizagem na junção de vivências individuais com experiências coletivas. O estudo mostra que é preciso abrir espaços para que a formação em Artes seja vista sob diferentes ângulos, tanto de quem está em processo formativo, como de quem está mediando a aprendizagem. Podemos dizer ainda que essa reflexão contribui para estabelecer um diálogo entre arte/educação, observando-se a teoria e a prática, e pensando a formação em Artes de forma democrática e em desenvolvimento contínuo.

**Palavras-Chave:** Formação, Experiências autobiográficas, Ensino/Aprendizagem.

#### ABSTRACT

*This article brings together discussions based on bibliographic analyzes, about the formative process of teachers in the area of Arts, considering autobiographical experiences in the training space as learning mechanisms in the combination of individual experiences with collective experiences. The study shows that it is necessary to open spaces so that training in Arts can be seen from different angles, both from those who are in the training process and from those who are mediating learning. We can also say that this reflection contributes to establishing a dialog between art/education, observing theory and practice, and thinking about Arts training in a democratic way and in continuous development.*

**KEYWORDS:** Training, Autobiographical experiences, Teaching/Learning.

## 1- INTRODUÇÃO

As histórias de vida são a fonte motriz para a compreensão de contextos individuais e coletivos, partindo-se do princípio que as narrativas se entrelaçam e constituem uma grande teia que liga diferentes saberes e experiências. Nos espaços de ensino, esses saberes tanto do ponto de vista individual como do coletivo se conectam, promovendo oportunidades de aprendizagens fundamentais para a formação do discente.



Partindo dessa premissa, o presente artigo visa discutir os processos formativos na licenciatura em Artes, refletir sobre práticas de ensino vinculadas ao contexto de vida dos discentes, discutir a pesquisa autobiográfica nos entre lugares da aprendizagem em Artes considerando-se as singularidades dos sujeitos, estabelecendo um necessário diálogo entre teoria e prática.

Oportunizar vivências que alunos em formação interajam com ações que possibilitem o pensar sobre a prática do ensino de Artes observando-se as formas particulares de cada sujeito é um caminho para que se compreenda os desdobramentos na constituição do professor dessa área de ensino. Assim, nossas reflexões se situam no lugar potente das experiências de vida que reconhecem como as perspectivas individuais e coletivas se entrelaçam e sistematizam a compreensão da ação educativa com ênfase nas singularidades dos sujeitos.

Pode causar estranheza a afirmativa de que em muitos casos, a teoria contribui para a formação intelectual em determinada área de estudo, mas em um contraponto, não contempla a dimensão da prática se o discente teve poucas oportunidades de conhecer a prática durante seu processo de formação, limitando-se a estágios em curto espaço de tempo.

A pesquisa tem uma abordagem qualitativa e de caráter bibliográfico. É válido dizer que a abordagem qualitativa oferece possibilidades fecundas de interpretação e de questões metodológicas levantadas nesse estudo. Tomando como base, estudos de autores como Bolognesi (2014) e Pimentel (2015;2017), propomos uma necessária discussão sobre a formação docente em constante construção, demarcando a compreensão de processos formativos a partir da licenciatura em Artes.

## **2. O professor universitário como mediador de experiências**

O processo formativo do discente do ensino superior envolve grandes reflexões. Ademais, a escolha do curso faz parte das experiências de vida e de como o indivíduo se constitui como sujeito no mundo. Cada ser é um sujeito histórico porque carrega experiências singulares que caracteriza modos de ser e agir de determinado tempo e grupo social. Pensar que são sujeitos que carregam suas histórias de vida que se entrelaçam com os saberes e fazeres coletivos é uma via para entendermos como



essas construções vão se desdobrando na formação de professores de Artes que atuarão e poderão contribuir face à transformação social.

Parece óbvio dizer que quando o aluno conclui um curso de nível superior para exercer seja qual for a profissão, ele enveredará por um novo caminho em que colocará em prática o que durante os anos de formação, se preparou para exercer. No entanto, consideramos que não obstante o seu preparo teórico ele passará por um natural estágio de adaptação e as reflexões de conceitos teóricos farão parte da dinâmica de trabalho na prática. Trazendo para a licenciatura em Artes, entendemos que essas reflexões vão construindo a identidade profissional do educador e modificando sua didática de ensino ao longo do tempo, conforme surgem novos desafios e outras formas de pensar a prática docente.

O ensino teórico sistematiza conhecimentos que precisam ser explorados e analisados pelos discentes para que tenham direcionamentos intelectuais de modo a construir uma base que possibilite a compreensão de processos que envolvem a prática. No entanto, vale ressaltar que existem diferentes formas de assimilação dos conteúdos trabalhados nas disciplinas teóricas. “ Isto requer, por parte dos educandos, um processo de apropriação ativa e consciente dos conhecimentos, dos fundamentos das ciências e de sua aplicação prática. ” (Anastasiou;2004, p. 30)

A forma como cada professor universitário aborda as temáticas do quadro programático do curso se distinguem entre si e permitem a análise das possibilidades de execução, sem perder de vista o caráter dinâmico do ensino da arte. As metodologias de diferentes docentes do ensino superior corroboram a sistematização de aprendizagens importantes no percurso acadêmico. Cada professor organiza suas aulas conforme suas experiências formativas, que fazem parte de suas experiências de vida como sujeito singular. Nesse entrelaçamento entre educador e educando a aprendizagem vai sendo desenvolvida.

Um dos grandes desafios do professor universitário é o de selecionar, a partir do campo científico que pesquisa, os conteúdos, os conceitos, as relações, a rede pretendida; enfim, os elementos a serem apreendidos. Este desafio se dá devido à complexidade, heterogeneidade, singularidade e flexibilidade do conhecimento



produzido e em produção, uma vez que a ciência está em constante mudança e construção. (*Ibid*; p. 29).

Ainda conforme a autora, o *sabor do saber* tem relação com a forma de assimilação dos discentes, incluindo-se as disposições, experiências e identidades, o que exige do docente, disponibilidade para perceber e captar o que é necessário para desenvolver propostas que vá de encontro com tais condições. A relação entre educador e educando no ensino superior precisa ser dialógica, de modo que não haja dispersão nos processos de ensino e aprendizagem.

As singularidades de cada sujeito formam a identidade do grupo no qual os discentes se inserem na dinâmica de ensino e contribuem para que se crie referências de práticas que tenham como ponto de partida o aluno como ser que contempla os processos nos quais está inserido, construindo modos de se posicionar no meio social como agente de transformação. Por outro ângulo, a atuação dos docentes carrega traços simbólicos das experiências que tiveram oportunidade de vivenciar tanto na perspectiva individual, como no coletivo ao longo de sua formação.

## **2.1. Produzindo saberes em Arte a partir das singularidades discentes**

As experiências que partem de aspectos da vida dos discentes têm o compromisso de refletir sobre como cada sujeito se constitui no mundo e como estas experiências se conectam com seus processos de aprendizagem. Supõe-se que o discente que teve a oportunidade de participar de práticas que discutem sobre os discursos que nos acompanham como parte de múltiplos recortes das nossas experiências objetivas e subjetivas, tende a compreender como desenvolver práticas mais contextuais, levando em conta os sujeitos em suas singularidades e como integrante de grupos sociais que o distinguem como indivíduo que tem suas preferências e que precisam ser valorizadas nos espaços formativos.

Nessa dinâmica, dialogar com pares e pensar sobre o ensino pelo viés do sujeito que aprende, são parâmetros necessários para que os formandos possam dimensionar a prática para além da teoria. Outrossim, é pensando sobre a prática que construímos bases investigativas que podem servir de fundamentos teóricos. O distanciamento entre teoria e prática muitas vezes ocorre porque tende-se a colocar de lado aspectos



práticos para focar em pontos conceituais, ora confundindo os processos, ora distanciando-os. É forçoso pontuar que é necessário um nivelamento para equilibrar o que os discentes devem aprender e como colocar esse conhecimento em prática. Assim, a relação teoria/prática deve ser harmônica, pois são processos que se complementam e que estão em constante interação mesmo após a conclusão do curso.

Com relação a questões metodológicas, “é importante ressaltar que são o Professor de Arte e o Arte/Educador quem constrói a metodologia, quer seja por ter conhecimento de métodos, ou por registrar suas ações em sala de aula e refletir sobre elas, tornando-as princípios para a criação de suas metodologias.” (Pimentel; 2017, p.308).

A autora abre possibilidades para se pensar diferentes caminhos no processo de ensino-aprendizagem, sendo o professor, o responsável pelo desenvolvimento de metodologias que possibilite criar parâmetros para novas práticas no contexto educacional em Arte. Assim, o aluno tendo participado durante seu processo formativo de práticas que articulem o conhecimento já sistematizado como base para novas metodologias, é provável que desde o início de sua atuação ele desenvolva um trabalho consciente com ações contextuais, tendo como referência seu repertório de experiências.

Nesse contexto, as metodologias de cada professor estão ligadas às suas experiências, mesmo que não sejam fruto de reflexões de suas ações em sala de aula, pois ao escolher como conduzir os alunos nas aulas de Arte, o professor é levado por escolhas que partem de seu repertório de vivências que influenciam sua prática. Esse entendimento é uma via de mão dupla, pois contempla tanto o professor do ensino superior quando organiza e planeja suas aulas, como os futuros docentes que se integram às propostas e criam experiências, a partir das experimentações em sala de aula enquanto discentes.

Tendo como referência os estudos de Pimentel (2017), se a Arte é um campo abrangente e dinâmico, por que não pensar que cada Professor pode desenvolver metodologias próprias vinculadas ao processo vivido com seus alunos? Partindo da



ideia de que a Arte se materializa nas ações dos sujeitos que nela atuam, refletir sobre o processo de criação e envolvimento de alunos e professores em suas vivências com a Arte, parece um caminho possível para pensar em propostas dinâmicas que ampliem e abram portas para a compreensão da Arte em suas múltiplas possibilidades de ensino e aprendizagem.

Se a metodologia é o campo que se ocupa em organizar e direcionar as práticas educativas para se chegar aos objetivos (no caso aqui especificamente nos processos de ensino), é oportuno considerar que as práticas desenvolvidas pelo professor e ou Arte/Educador são passíveis de reflexões pertinentes, tornando-se instigadoras de novas propostas, como afirma Pimentel (2015). Percebe-se assim, a natureza dinâmica dos processos de ensino e aprendizagem. Ao mesmo tempo que o professor desenvolve suas ações com base em suas experiências com os alunos, ele também vai criando e reformulando metodologias. Assim:

“[...] é necessário que o professor e o arte/educador tomem a iniciativa de abrir esse espaço de forma transparente e compartilhada, cuidando para que, sem deixar de lado sua responsabilidade de ser o professor ou o arte/educador, propicie experiências e ações em que o aluno e o arte/educando se relacionem com suas vivências pessoais e sociais, provocando uma atitude mental e comportamental significativa para a vida.” (Pimentel;2017, p. 309)

Partindo das propostas realizadas em sala de aula, o professor pode criar um portfólio de experiências que se articulem entre si, desenvolvendo um percurso autobiográfico com seus alunos. Tanto ele pode utilizar os registros das vivências no ambiente acadêmico como base na construção de propostas que servirão de suporte para suas pesquisas como pode construir com cada estudante produções individuais anexando as experiências proporcionadas ao longo do percurso formativo.

### **2.1.1. Vivências autobiográficas no processo formativo**

Falar de si é falar de um mundo social a partir do sujeito individual com suas vivências singulares. Elaborar propostas que proporcionem ao aluno a expressão de suas experiências e suas interações enquanto sujeitos sociais é dar a oportunidade de dialogarem com o eu, com o outro e com o mundo ao seu redor.



As expressões artísticas do sujeito individual não é um ato isolado do meio em que vive. Daí a necessidade de o professor universitário desenvolver ações para que os discentes possam refletir sobre si mesmos, suas vivências e experiências como agentes individuais que se conectam com o mundo social, estabelecendo vínculos, se constituindo como sujeitos sociais.

Dar visibilidade aos alunos como sujeitos individuais, com histórias próprias, únicas e intransferíveis é dar espaço para pensar no coletivo, em como esses sujeitos atuam e se posicionam no meio social. Pimentel (2017, p. 310) afirma que “o pensamento artístico e a construção do conhecimento em Arte estão intrinsecamente imbricados com as formas como as pessoas se pensam e se conhecem, já que a Arte não está dissociada das intenções pessoais e sociais do sujeito. ”

Pensar no sujeito individual com suas vivências e experiências singulares, nos leva a refletir sobre como esse sujeito se posiciona no meio e atua sobre ele. Atuar no mundo como sujeito individual ativo pressupõe uma imersão na realidade social, de modo a alterá-la. “Esse produto conjunto permite que os indivíduos sejam os construtores de sua própria individualidade, ao mesmo tempo que, com ela, constituem a sociedade. ” ( Pimentel: 2017, p.312).

O sujeito produtor de conhecimento em Arte, mesmo aquele que se coloca numa posição de aprendiz, está envolvido numa relação dinâmica que interligam o conhecimento que já foi produzido em arte e a produção realizada em tempo real nas situações de ensino-aprendizagem. À medida que o sujeito se envolve na elaboração e na contextualização de suas produções artísticas, ele está desenvolvendo parâmetros para a ampliação do conhecimento em Arte, compondo um conjunto de saberes apreendidos e desenvolvidos com referência nas interações reais dos sujeitos. Desse modo, se constrói experiências significativas que não se limitam a reproduzir mecanicamente o que já foi dito ou feito por outros sem o prazer da experimentação, tendo o sujeito individual como o idealizador de produções que se conectam com as experiências sociais. E para que esse sujeito desenvolva suas criações de forma autônoma, é preciso envolvimento e abertura para se aventurar no conhecimento sobre si mesmo, criando conexões entre o processo individual e a



construção social envolvida nessas elaborações. Para tanto, é preciso experienciar, viver a arte em toda sua dimensão transformadora.

As experiências artísticas fazem parte do contexto sociocultural, sendo produto e matéria-prima das relações individuais e sociais dos sujeitos. A construção do conhecimento em Arte e o pensamento artístico são elementos resultantes do que já foi produzido em Arte e ao mesmo tempo são idealizadores de novas experiências.

Convém considerar os conhecimentos e as habilidades individuais, as trajetórias de vida, as percepções de cada sujeito aprendente e criador em Arte, representadas nas narrativas, nas autobiografias, em que as vivências pessoais são postas como objeto de reflexão e conduzem a interpretações que também convergem para a ampliação dos saberes em Arte. Ao retratar suas vivências, o sujeito se coloca como autor e descritor das experiências, se colocando dentro do processo e refletindo sobre ele. Constitui-se assim, uma oportunidade única de criar, de repensar, de analisar o processo criativo individual e gerar problemáticas emergentes no campo artístico.

#### **2.1.1.1. Experiências autobiográficas e os processos de pesquisa no ensino superior**

Quando o pesquisador e o artista se fundem, a sensibilidade, a imaginação e a razão caminham juntas. Mas, ponderações são necessárias: esse amálgama pode se transformar em pura aparência e revelar seus equívocos quando se opta por investigar a si mesmo e seus processos criativos. Nesse caso, o sujeito torna-se objeto de exposição e a razão crítica tende a ser posta de lado. Essa postura egocêntrica se acentua ainda mais quando a exposição e o suposto estudo de si vêm desprovidos de uma inserção histórica. Abandonam-se, assim, os parâmetros do tempo e do espaço. (Bolognesi; 2014, pág.155)

Consideremos aqui a pesquisa em artes em que o discente vai analisar seu próprio processo de criação. É preciso ponderar quando se analisa um contexto de produção pessoal para que não se perca o sentido da investigação e se distancie da reflexão



crítica encaminhando para uma pesquisa sem os fundamentos necessários para situar a pesquisa dentro de uma perspectiva histórico-cultural.

Há que se considerar a pesquisa como uma fonte em que um número indefinido de pessoas irá ingerir dessa fonte. A pesquisa em artes, embora possa se utilizar de novas metodologias baseadas em conceitos pós-estruturalistas, com a possibilidade de uma escrita menos densa e engessada, não é uma descrição da experiência pessoal que vai ficar na gaveta para apreciação do próprio desenvolvedor. É preciso fazer inferências e contextualizações sobre o objeto de pesquisa, em que tempo e espaço ele se situa, quais as contribuições e ou contradições podem ser inseridas para dialogar com a proposta de investigação.

A respeito do estudo das relações que se estabelecem entre experiência, formação e atuação docente, Passegi, *et al* (2011, p. 373) afirma que:

[..] escrever e interpretar o que foi significativo para determinar modos de ser, seja como aluno seja como professor-pesquisador-orientador, são, ao mesmo tempo, atividades formadoras e podem dar acesso ao mundo da academia visto pelos olhares de seus protagonistas.

Nesse sentido, os discentes ao optarem por essa forma de pensar a prática docente, podem contribuir com a construção de um compilado de experiências que podem ser revisitadas e servir como referencial para novas abordagens em Arte. Pimentel (2015, p.96-97) também contribui com essa discussão ao discorrer que

Todas as pesquisas que considerem Arte como campo de conhecimento contribuem para a formação de um corpus necessário para impulsionar a efetivação da prática artística em toda a sua amplitude, com todas as conexões possíveis do pensar Arte. Também é necessário que @ pesquisador@ registre e divulgue o máximo possível seu trabalho, busque grupos de discussão e participe efetivamente de congressos e seminários, com o intuito de difundir seus procedimentos e aprender outros novos. Isto se relaciona com a dimensão coletiva da experiência, referida por Foucault, uma vez que tanto a obra artística quanto os processos artísticos, uma vez conhecidos e divulgados, serão passíveis de cruzamentos e atravessamentos.

À vista disso, infere-se que os trabalhos e reflexões devem ser amplamente divulgados para se obter um repertório de práticas e teorias que promovam a



emancipação da Arte, elevando-a ao seu merecido lugar de destaque, como um campo de conhecimento de intensos saberes construídos individual e coletivamente.

[...]Arte não é somente saber dizer algo sobre Arte, mas sim deixar-se afectar por algo que é disponibilizado e que é significativo para a vida humana, e poder disponibilizar algo que seja artístico para que outras pessoas possam vivenciar o mesmo processo e também contribuir socialmente. (Pimentel; 2017, p. 311)

Nos processos de criação e imersão nas linguagens artísticas é preciso deixar fluir o sentimento e se envolver nas experiências com entusiasmo, desprendimento e ousadia. A Arte requer inteira e profunda disponibilidade para se deixar levar pela sensibilidade estética. Ao realizarem as elaborações escritas sobre as experiências vivenciadas, os alunos deixam essas marcas como registro dos modos de se envolverem nas produções individuais e coletivas, apresentando múltiplas formas de pensar os processos de ensino e aprendizagem em Arte. “Assim, a escrita de relatos autobiográficos dá aos indivíduos a possibilidade de articular, por meio das narrativas, que produzem sobre si, “ as experiências referências” pelas quais passaram , dotando a própria trajetória profissional de sentido.” (Passeggi, *et al*, 2011, p. 378)

Em todo processo de criação o sujeito artista-professor-aluno-arte/educando-arte/educador deixa um pouco do que é, do que sente, do que acredita, de como se vê, do que quer, do que deseja mostrar e nesse movimento a fruição se estabelece e cria raízes que vão onde as elaborações artísticas alcançarem.

Desse modo, a aprendizagem em Arte vai além da compreensão de conceitos teóricos e de sua reflexão. É necessário envolvimento para perceber os sentidos imbricados em cada situação proposta e ou vivenciada que tenham real significado na vida dos sujeitos e que possam apresentar contribuições significativas para quem suceder e se deixar afetar.

## **Considerações finais**

Analisar como a dinâmica de ensino e aprendizagem está imbricada nas relações que os sujeitos estabelecem é uma possibilidade para refletir sobre formas mais autênticas de conduzir o ensino. O discente em período de formação para atuar em sala de aula cria um repertório de experiências que se entrelaçam com outras vivências que teve



ao longo de seu percurso formativo, o que naturalmente servirá de base para sua futura atuação como docente.

Consideramos ainda que o olhar sensível dos docentes do ensino superior marca a trajetória formativa dos discentes. Quando os sujeitos são valorizados nos espaços de ensino e formação, levando-os a reconhecerem suas potencialidades e as singularidades presentes nos seus modos de ser e de expressar, possibilita a oportunidade de entender melhor o seu campo futuro de atuação.

O ensino teórico requer entendimento sobre conteúdos, materiais e técnicas. No entanto, é preciso trabalhar com um conjunto amplo de conhecimentos, articulando as experiências entre os sujeitos, produzindo novas aprendizagens no espaço coletivo, além de proporcionar aos discentes, diferentes possibilidades de se posicionar e interpretar os contextos nos quais estão inseridos. Para isso, é indispensável que se privilegie as experiências individuais, pois para compreender sobre o mundo de forma ampla, é preciso partir do meio em que vivem, tomando consciência dos papéis que assumem na sociedade.

Em síntese, consideramos que por meio do ensino de Artes o professor pode despertar no aluno a necessidade de saber ver e perceber-se no mundo, reforçando múltiplas possibilidades de expressão, transformando a experiência individual em conhecimento coletivo. Reafirmamos que somente através de uma teia de constância, continuação e mutabilidade é plausível que o ensino de artes se torne cada vez mais democrático.

### Referências bibliográficas

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. Ensinar, aprender, apreender e processos de ensinagem. In: Léa das Graças Camargo Anastasiou; Leonir Pessati Alves **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. Joinville, SC; Univille, 2004. p. 11-38.

BOLOGNESI, M. Experiência e história na pesquisa em artes. **ARJ-Art Research Journal** : Revista de Pesquisa em Artes, [S.l.], v.1, n.1, p.145-157. Jan/jun.2014.

PASSEGI, C. *et al.* Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. Belo Horizonte: **Educação em Revista**, V. 27, p. 369-386, abril, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982011000100017>. Acesso em: 07 abr. 2024



PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. Abordagem triangular e as narrativas de si: autobiografia e aprendizagem em Arte. **Revista GEARTE**, [s.l.], v. 4, n. 2, p.307-316, maio/ago.2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/71493>. Acesso em: 16 jun.2023.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. Processos artísticos como metodologia de pesquisa. **OuvirOUver**, [S.L], v.11, n.1,p. 88-98, 2015. DOI: 10.14393/ Disponível em <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/32707>. Acesso em: 19 jun.2023.